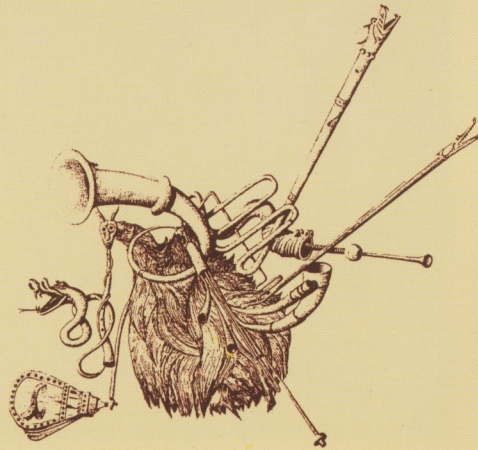


Gaiteiros de Lisboa

Invasões
Bárbaras



1. Introdução	<i>J. M. David</i>
2. Fandango / Ai por cima	<i>Ribatejo / Beira Baixa</i>
3. A Ribeira do Sol Posto	<i>Alentejo</i>
4. Se Eu Soubesse que Voando...	<i>J. M. David / Popular</i>
5. Romance da Lhoba	<i>J. M. David / Trás-os-Montes</i>
6. Lenga Lenga	<i>Carlos Guerreiro / J. M. David</i>
7. Cinco por Quatro	<i>José Mário Branco</i>
8. La Sarandillera	<i>Trás-os-Montes</i>
9. Talvez que Sonhando	<i>Sérgio Godinho</i>
10. Marcha	<i>José Mário Branco</i>
11. Décimas	<i>Carlos Guerreiro / José Mário Branco / Popular</i>
12. O Menino está na Neve	<i>Rui Vaz / Alentejo</i>
13. Chula	<i>Gaiteiros de Lisboa</i>

Invasões Bárbaras

... como uma flecha o Som rasgou o
espaço, e fez a
ponte do tempo

De onde partir? onde chegar?
Vales, grutas, fragas, montanhas,
planícies...

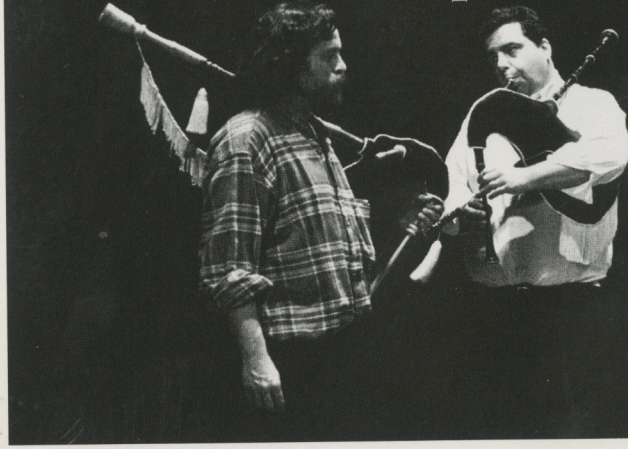
o espaço que se percorre na
nómada procura da
conquista, a guerra, a morte pela busca
da vida.

O território.
Bárbaro é o som da Terra. O sopro que
faz vibrar a

tíbia do Cordeiro imolado.
O som da cana que canta no odre
e faz ondular os

corpos vibrantes, secos, cor da
terra à beira
do Fogo.

Sagrado é o vento que faz cantar a
Terra.



O Cordeiro que dá a tíbia e dá o odre e
mais
o chifre e mais as vísceras, e os
transforma numa
oferenda de sons.

Sagrado é o canavial, labirinto de
quantos ventos,
imã de quantas vozes...

Sagrado é o fogo que encandeece o
ferro que
trespassa o tronco que fabrica o tubo
que produz o
Som.

Sagrada é a água que fecunda a terra que
produz a
lama donde nasce o vaso onde
reteza a pele do

animal sagrado. Tambor da vida.
Bélicos, os Olifantes trespassam a
estepe no fulgor
da Bárbara conquista.
A Invasão.



... As an arrow, Sound ripped space and the bridge of time was built.

Where did it come from? How far will it go?
Valleys, caves, cliffs, mountains, plains... space to run through in the nomad quest for conquest, for war, for death in search of Life.

Territory.

Barbarian is the sound of the Earth blowing the vibration sacrificed Lamb's tibia.

A cane song inside a goat skin – thin vibrating earth clored bodies undulating by the fire.

Sacred is the wind that makes the Earth sing.

The lamb he gives his bone and his skin. He gives his horn and viscera further more – Sound Oblation.

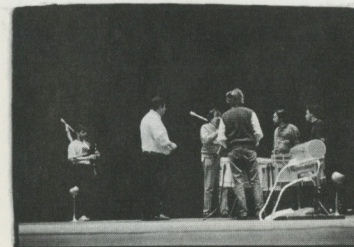
Sacred is the reed plot, labyrinth for how many winds... brother of how many voices...

Sacred is the fire that turns the iron red that penetrates the log of wood that fabricates the tube that produces the Sound.

Sacred is the water that impregnates the earth and becomes clay from where the vase is born and where the skin of the sacred animal will stretch. Life Drum.

Warmongers Oliphants strike through the steppe as a fire as a Barbarian conquest.

Invasion.



Telle une flèche le Son déchira l'espace, le pont du temps fut construit

D'où est-il parti? Où arrivera-t-il?

Valées, grottes, falaises, montagnes, plaines...

l'espace qui se parcourt dans la quête nomade de conquête,

la guerre, la mort par la recherche de la vie.

Le territoire.

Barbare est le son de la Terre.

Le souffle qui fait vibrer l'os de l'agneau immolé.

Le son du roseau qui chante dans l'ouïe et fait onduler les corps vibrants, secs, couleur de terre, au bord du feu.

Sacré est le vent qui fait chanter la Terre.

L'agneau qui donne son os et sa peau, et plus encore sa corne et ses viscères et les transforme en une offrande de sons.

Sacré est la roseraie, labyrinthe de combien de vents, frère de combien de voix

Sacré est le feu qui rougit le fer qui pénètre le bois qui fait le tube qui produit le Son.

Sacré est l'eau qui imprègne la terre et devient boue d'où naît le vase où sera tendue la peau de l'animal sacré. Tambour de vie.

Belliqueux, les Olifants traversent la steppe comme le feu de la conquête Barbare.

Invasion.

1 Introdução

2 Fandango / Ai por cima

Ai, por cima se ceifa o pão

Ai, por baixo fica o restolho

M' nina não se enamore

Ai, de rapaz que embisga o olho

Ai, corta foicinha corta

Ai, pelo pão que é peleirinho

Quem houver de andar p'ra outrem

Ai, há-de andar com cuidadinho



3 A Ribeira do Sol Posto

Às vezes lá no meu monte

Faço vазas de ganhão

Lavro com dois bois vermelhos

que fazem tremer o chão

Percussões:
José Salgueiro, Rua Vaz,
José Mário Branco,
Carlos Gueteiro,
Gaitas de Foles,
José M. David,
Paulo Mairinho,
Flautas:
José M. David,
Vozes:
Carlos Gueteiro,
José Mário Branco,
José M. David, Rua Vaz,
Passarinhas:
José Mário Branco

A Ribeira do Sol-Posto
Tem uma ponte à moderna
Agora que já está feita
Toda a gente se governa

Toda a gente se governa
Ao passar por lá dá gosto
Tem uma ponte à moderna
A Ribeira do Sol-Posto

4 Se eu soubesse que voando...

Se eu soubesse que voando
Ai, alcançava o que desejo
Mandava fazer umas asas
Ai, que as penas são de sobejo

As penas leva-as o vento
Ai, de tão leves que elas são
Ainda me não levou uma
Ai, que trago em meu coração



Vozes:
Carlos Gueteiro,
Rua Vaz,
José M. David,
José Mário Branco,
Sinfone:
Carlos Gueteiro,
Palmete:
Paulo Mairinho,
Aguar:
José Mário Branco

Cantando, cantei, cantava
Cantava, cantei, cantando
Chorando, chorei, chorava
Chorava, chorei, chorando

Que fui, tu foste, nós fomos
Ambos iguais nas vontades
Eu 'stou tu 'stás, nós estamos
Ambos matando saudades

Esse olhos têm meninas
Ai, essas meninas têm olhos
Porque os olhos dessas meninas
Ai, são meninas dos meus olhos

Fui ao jardim do teu peito
Ai, para colher uma flor
Não achei um amor perfeito
Ai, achei só perfeito amor

Cantando, cantei, cantava
Cantava, cantei, cantando
Chorando, chorei, chorava
Chorava, chorei, chorando

Sinfone:
Carlos Gueteiro,
Flautas:
Paulo Mairinho,
Kissange:
José M. David,
Percussões:
José Salgueiro,
José Mário Branco,
Vozes:
Rua Vaz

Que fui, tu foste, nós fomos
Ambos iguais nas vontades
Eu 'stou tu 'stás, nós estamos
Ambos matando saudades

5 Romance da Lhoba

Indo ió la sierra arriba
Delante de mia piara
Indo ió la sierra arriba
Delante de mia piara
Repicand' al mio caldeiro
Rmandando mia samarra
Repicand' al mio caldeiro
Remandando mia samarra

Quando me sai uma
Que era grande e era parda
Quando me sai uma lhoba
Que era grande e era parda
E lhebou-me unha cordeira
La melhor de la piara
E lhebou-me unha cordeira
La melhor de la piara



Arriba siete cachorros
 Abaixo pera guardiana
 Arriba siete cachorros
 Abaixo pera guardiana
 Se m' agarrardes la lhoba
 Bona cena teneis gana
 E se non me l' agarrardes
 Cenareis com la caiata



E corrian siete léguas
 Todas siete por arada
 E corrian siete léguas
 Todas siete por arada
 E al final das siete léguas
 Yá la lhoba va cansada
 E al final das siete léguas
 Yá la lhoba va cansada

Vozes: só
 José M. David,
 Rui Vaz,
 Carlos,
 Rui Vaz,
 José M. David,
 José Mário Branco, Carlos
 Guereiro

6 Lenga lenga

Tenho uma roca de pau de figueira
 Diz a minha mãe que não sou fiandeira

Diz meu pai
 Casar, casar
 Diz a minha mãe que não tem que me dar
 Diz meu pai
 Que me dá uma cabra
 Diz a minha mãe que a danada que é brava
 Diz meu pai
 Nós a amansaremos

Tenho um tear de madeira de pinho
 Diz a minha mãe não é estopa nem linho
 Diz meu pai
 Casar, casar
 Diz a minha mãe que não tenho enxoval
 Diz meu pai
 Que me dá uma leira
 Diz a minha mãe que não sou lavradeira
 Diz meu pai
 Nós a amansaremos

Tenho dois fusos de ferro coado
 Diz a minha mãe não os des de fiado
 Diz meu pai
 Casar, casar

Diz a minha mãe que não tenho lençóis
 Diz meu pai
 Que mos compra depois
 Diz a minha mãe que depois já é tarde
 Diz meu pai
 Nós o esconderemos
 Toca gaiteiro que nós dançaremos

Vozes: Carlos Guereiro, José
 M. David, Rui Vaz, José Mário
 Branco
 Cântalos: Rui Vaz
 Percussões: José Salgueiro,
 Carlos Guereiro, José Mário
 Branco
 Gaitas de Foles: José M.
 David, Paulo Marinho

7 Cinco por quatro



Tempr
 José M. David
 Flutet
 José Salgueiro
 Gaita de foles:
 Paulo Marinho
 Flaut
 José M. David
 Ocarina:
 Rui Vaz
 Pictophonie:
 Carlos Guereiro
 Percussões:
 José Salgueiro,
 José Mário Branco

8 La Sarandillera

S'ajuntaram las três comadres
 la sarandillera
 Na função do Santo Andrés
 Sarandilha, andar
 sarandilha, ai é

Una llevá-va trinta uevos
 la sarandillera
 Outra llevava trinta e três
 Sarandilha, andar
 sarandilha, ai é

Una llevá-va nove panes
 la sarandillera
 Cada una toca três
 Sarandilha, andar
 sarandilha, ai é

Una llevava un pelhejito
 la sarandillera
 De dois cântaros a três
 Sarandilha, andar
 sarandilha, ai é

Estando nestas raciones

I la sarandillera

Chegou o marido da Inês

Sarandilha, andar

sarandilha, ai é

Palos numa, palos noutra

la sarandillera

E palos em todas três

Sarandilha, andar

sarandilha, ai é

E la que levou mais palos

la sarandillera

Foi la pobrecita Inês

Sarandilha, andar

sarandilha, ai é

Tibos VD
Carlos Guerreiro,
Paulo Matinho,
José Salgueiro,
Rui Vaz
Tímpano
José M. David
Vozes
José Mário Branco,
Rui Vaz,
José M. David,
Carlos Guerreiro
Vozeiros
Rui Vaz



¶ Talvez que sonhando

Ser ou não ser gente

Ter ou não ter sonhos

Mais exactamente - vir

à tona dos sonhos

Ter sempre a certeza das dúvidas

Por via das dúvidas saber o que achar

Dobradores do ferro

Sopradores do vidro

Na margem do erro - ser

Claro como o vidro

Ter sempre a destreza da prática

Por via da prática saber o que achar

Ah, morrer, dormir, talvez sonhar

Mas então

Que outros sonhos virão?

Morrendo, vivendo, dormindo

Talvez que sonhando...

Ter sempre a certeza da música

Por via da música tocar e cantar

Sedutores da musa

Amadores da alma

Mesmo que difusa - ser

A imagem da alma

Ter sempre a clareza da fábula

Por via da fábula sobre o que achar

Dedos semelhantes

Às vezes aves

Mesmo que distante - ouvir

O chamar das aves

Ter sempre a afoiteza do pássaro

Por via do pássaro

Por via do pássaro subir e pousar

Ah, morrer, dormir, talvez sonhar

Mas então

Que outros sonhos virão?

Morrendo, vivendo, dormindo

Talvez que sonhando...

Ter sempre a certeza da música

Por via da música tocar e cantar

Tímpano
José M. David
Sinfone
Carlos Guerreiro
Flautas
José M. David
Percussões
José Salgueiro,
José Mário Branco
Vozeiros
Rui Vaz,
Carlos Guerreiro
Canto
José Mário Branco,
José M. David,
Rui Vaz, Carlos Guerreiro

10 Marcha



Gaitas de foles
Paulo Matinho,
José M. David, Rui Vaz,
Carlos Guerreiro
Percussões
José Salgueiro,
José Mário Branco
Madrinhas
Carlos Guerreiro,
J.M. David

II Décimas

Se eu numa guerra morrer

Uma bala me dê fim

Não deixarei de dizer:

Foste ingrata para mim

Logo assim que ouvi teus ditos

Retraí tuas palavras

Abismei que me mandavas

Teus carinhos esquisitos

Por cartas e por escritos

A ver se podia ser

Não sei o que hei-de fazer

Já vou estando aborrecido

Só te perco o sentido

Se eu numa guerra morrer

Se eu numa guerra morrer

Uma bala me dê fim

Não deixarei de dizer:

Foste ingrata para mim

No teu peito só se acha
uma firmeza constante
Dizes como ignorante
O soldado não quer baixa

Ainda rompo esta marcha
Para te dizer que sim
Na 'sperança em que me vi
Foi lograr-te, minha qu'rida

Só espero nesta vida
Que uma bala me dê fim
Se eu numa guerra morrer
Uma bala me dê fim
Não deixarei de dizer:
Foste ingrata para mim



Tomei-te tal amizade
logo assim que te vi
Talvez por causa de ti
Eu não esteja em liberdade

A sucessiva saudade
Que eu tenho em te ver
Ausente de um bem-querer
Tu amas seja quem for

Tu já não me tens amor
Não deixarei de dizer
Se eu numa guerra morrer
Uma bala me dê fim

Não deixarei de dizer:
Foste ingrata para mim

De amor desabandonado
Triste sorte foi a minha
Todo amor que eu te tinha
Para mim tem-se acabado

Sobre o que me tens contado
Eu vivo num frenesim
Tu despedes-te em latim
Não te posso proibir

Direi enquanto existir
Foste ingrata para mim

Percussões:
José Salgueiro,
José Mário Branco, Carlos
Guerreiro
Flautas:
José M. David,
Paulo Marinho
Vozes:
Carlos Guerreiro
Coros:
José M. David,
José Mário Branco,
Rui Vaz,
Carlos Guerreiro

Se eu numa guerra morrer
Uma bala me dê fim
Não deixarei de dizer:
Foste ingrata para mim
... filha da p...

12 O menino está na neve

Ai, ai-lé, é-ai-lé, larilolé-la
Jesus, Maria, José

O menino está na neve
E a neve o faz tremer

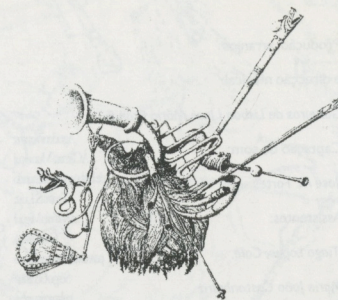
Dá-lhe carinho ao de leve
Prà noite fria aquecer

13 Chula



Gaita de Foles:
Rui Vaz, Paulo Marinho
Palhetophone Basso, José
M. David
Vozes:
Carlos Guerreiro,
Rui Vaz, José M. David, José
Mário Branco
Cialamella:
Carlos Guerreiro

Percussões:
José Salgueiro,
José Mário Branco,
Rui Vaz,
Carlos Guerreiro
Flautas:
José M. David



Produção, arranjos
e direcção musical:

Gaiteiros de Lisboa / José Mário Branco

Captação de som:

José M. Fortes

Assistentes:

Tiago Lopes, Calé,

Maria João Castanheira

Misturas:

José Fortes

Gravado entre

Fevereiro e Junho de 1995

no Teatro Municipal de S. Luiz

e Regiestudio

Design e direcção gráfica:

Fátima Rolo Duarte

Arte-final:

Luis Miguel (Euphoria Comunicação)

Desenho da capa:

Carlos Guerreiro

Fotografia:

José Pedro Santa-Bárbara

Agradecimentos:
À Câmara Municipal
de Lisboa pelo empréstimo
do Teatro S. Luiz;
ao António Miguel
Gonçalves
pelo apoio ao projecto;
ao Sérgio Coutinho
pela organização
do Raul pela paciência de
Zé Pedro Santa Bárbara
pelos foto-reportagens
de Maria Luísa Santos e ao
Pierre Marie Goulet
pelas fotos de
os Zé Fortes pelas fotos
de Tiago Lopes e
de Calé
pela assistência
de Maria João
Castanheira
de Fátima Rolo
Duarte
de Luis Miguel
pela realização



FAR00007

